

The Last Shuttle to Rio

Paul Durcan

It's been a bad day in São Paulo.

Paulistas have a saying
“Life is a game of the hips”
But today my hips had a bad game.
My knees have been up to the mark
But my hips have been pathetic.

Standing up at the counter of a cafe
In the airport at Congonhas,
Stirring my coffee with my right hand,
Holding my mobile phone in my left hand,
I am whispering to my publisher;
Whispering in low, steadfast, tightlipped whines
“Why were my books not there?”
“Where were my books?”
“Why was Ivan Kerr in Belo Horizonte
When he was supposed to be in São Paulo?”

Through the condensed perspiration of my hysterical whispers
I discern a small, lean, nine-year-old black boy
With a shoebox on his shoulder pointing down at my shoes.
Yet another intrusion in a day of multiple intrusions.
I bounce my skull angrily: *Sim, sim, sim.*
Hopping the ball of my skull off the tiled floor of my anger.

I resume berating my publisher
Immediately erasing from my mind
The shoeshine boy kneeling at my feet
Until I feel a tapping at my knee.
What do you want now?
He wants my left foot.
He's done with my right.

I glimpse the frills of his jet black hair.
They are perfect frills
Perfectly formed pasta frills.
What a shine he is giving me!
For the first time today
I feel a pang of wellbeing.

A Última Ponte-Aérea ao Rio

Foi um dia ruim em São Paulo.

Os paulistas têm um ditado assim:
“A vida é um jogo de cintura”
Mas hoje a minha cintura mal se moveu.
Os meus joelhos moveram-se bem acima do esperado
Mas meus quadris foram mesmo patéticos.

Em pé, no balcão de um café
No aeroporto de Congonhas
Enquanto mexo meu café com a mão direita,
Seguro o celular com a esquerda,
Sussurro ao meu editor
Em um tom firme, gemidos atrapalhados
“Por que os livros não vieram?”
“Para onde foram os meus livros?”
“Por que Ivan Kerr estava em Belo Horizonte,
quando deveria estar em São Paulo?”

Em meio a expiração intensa dos meus sussurros histéricos
Vejo um menino negro de uns nove anos, pequeno, magro
Com uma caixa de engraxate no ombro, apontando os meus sapatos.
Mais uma intromissão num dia cheio das mais variadas intromissões.
Balanço a cabeça com raiva: *Sim, sim, sim.*
Sacolejando no piso frio da minha raiva, despreendo-me.

Volto a repreender o meu editor
Apagando imediatamente da mente
O engraxate ajoelhado aos meus pés
Até que sinto uma batidinha no joelho.
O que você quer agora?
Ele me pede o pé esquerdo.
Já terminou o direito.

Olho os cachos do seu cabelo preto, azeviche.
São cachos perfeitos
Rolinhos de massa perfeitamente ordenados.
Que brilho ele me traz!
Pela primeira vez no dia
Sinto uma pontada de bem-estar.

All the while he is polishing me
He is watching me
With hot, scooped eyes staring up
Out of his yellow T-shirt
Inscribed PACIFIC WAVES.
I am no longer abusing
My hurting publisher.

The shoeshine boy is sprinting.
He is putting his right arm into it.
Putting everything into his right arm.
Putting everything into his rag.
He leaps to his feet.
He has finished. He squashes
A coke tin in his small fist.
I beg my publisher's forgiveness.
I hang up,
Clipping my mobile
Back on to my hip.
I thank him for giving me
Such a brilliant shine.
I say: "Obrigado."
He replies with a shy shrug:
"De nada."

My God, you have made
My day in São Paulo
And you have the audacity
To reply "De nada".

With your shoebox on your shoulder
You repeat with unconditional candour
"De nada"
Gazing up unblinking into my eyes.

I stutter: "What is your name?"
Out of your mouth-womb
Leaps your divine name:
"Einstein! Einstein João Luis Soares!"

Enquanto me faz o engraxe
O menino me observa
Com os seus olhos ávidos, arredondados
Saltando de sua camiseta amarela
Com a inscrição PACIFIC WAVES.
Já não ralho mais
Com o meu magoado editor.

O garoto engraxate avança.
Com o braço direito, imprime toda a sua força.
Com o braço direito, dá tudo de si.
E, assim, inflige força à flanela.

Num salto, retorna a si mesmo.
Terminou. Esmaga
Uma latinha de coca em seu pequeno punho.
Rogo ao editor que me perdoe.
Desligo.
Dobrando o celular
De volta à cintura.
Agradeço o garoto
Pelo brilho cintilante
Digo: “Obrigado.”
Ele timidamente encolhe os ombros:
“De nada.”

Meu Deus, você alegrou
o meu dia em São Paulo
E tem a audácia
De responder “De nada.”

Com a caixa de engraxate no ombro
Você repete com candura incondicional
“De nada”
Olhando pra cima, fitando-me os olhos sem piscar.

Balucio: “Como você se chama?”
E de seus lábios-ventre
Salta o seu nome surpreendente
“Einstein! Einstein João Soares!”

Translated by Gisele Wolkoff (Brazil)